



VAGAS MEMÓRIAS DO TURISMO NA CIDADE DO NATAL/RN.

ANDREA DE ALBUQUERQUE VIANNA*

Introdução

A cidade do Natal/RN vem ao longo do tempo incorporando qualificações: Noiva do Sol, Cidade do Sol, e Cais da Europa, entre tantas outras. Destino turístico reconhecido no mercado nacional e internacional, tem priorizado atividades direcionadas aos atrativos naturais, descolando-se de eventos/monumentos significativos da sua história, como é o caso do Hotel Internacional dos Reis Magos, localizado na Praia do Meio, próximo à Fortaleza dos Reis Magos, marco do desenvolvimento urbano e turístico do Estado, que, destituído de sua importância histórica pelo trade turístico e elites locais, encontra-se abandonado e ameaçado de demolição. Busca-se, a partir da pesquisa da qual resultou este artigo, compreender como memória e história se estabelecem na relação entre Natal/RN e seu passado, considerando-se a relação intrínseca entre memória e não-memória. Trabalha-se a partir do conceito de dialética da memória, presente nas relações de preservação seletiva, ressaltando-se a existência de três valores significativos: de uso, de troca e simbólico. Percebe-se que valorização simbólica interfere na produção do espaço e cria novos produtos, promovendo a desvalorização e o esquecimento de locais – além de momentos, monumentos e pessoas - que não atendam aos interesses econômicos do momento. Toma-se como exemplo o Hotel Copacabana Palace, ícone do turismo e da arquitetura do Rio de Janeiro, que esteve sob risco de demolição no ano de 1985, para dar lugar a um condomínio residencial. Presente também em outras localidades e culturas, as questões da desvalorização e do esquecimento integram a cultura natalense quanto a seus lugares de memória, propiciando a destruição de objetos/edifícios pertencentes à memória histórico-arquitetônica da cidade, o que se pode (re)interpretar à luz do conceito da dialética da construção destrutiva, contradição entre mercantilização e preservação. Este indicativo conduz à desconstrução da história dos lugares, congruente com os movimentos do capital fundiário, imobiliário e turístico e norteador das questões de valorização-esquecimento

* Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista CAPES.



na cidade. Este artigo representa um esforço para se compreender a relação memória/esquecimento existente na cotidianidade natalense, considerando o desenvolvimento do turismo e valores referentes à preservação do patrimônio arquitetônico local frente à crescente turistificação da capital potiguar.

A Natal de ontem

A cidade que, desde seu nascimento até o final do século XVIII praticamente se manteve sem grandes alterações, adentra o século XIX esboçando transformações. Medeiros *et al* (2009, p.10) apresentam a Natal daquele período: “Em meados e fins do século XIX, a situação começa a se transformar. A abertura de vias conectando Natal às demais cidades do Rio Grande do Norte, o incremento das atividades portuárias, a atração de comerciantes e a instalação de infraestrutura possibilitam o crescimento comercial que atraiu investimentos e divisas”.

Os autores revelam que as ações adotadas, visando o aformoseamento, a modernização e o saneamento da cidade contribuíram para o desenvolvimento comercial impulsionado pela chegada da aviação, que soube fazer bom uso da localização geográfica de Natal, alçando a cidade a um lugar de destaque na história da aviação mundial, no início do século XX.

No início do século XX Natal se configurava como uma cidade, ou ao menos parte dela, de certo modo impaciente, em busca pela renovação: o sentimento e a visão futurista dos intelectuais da época e de um passado recente eram um reflexo dos anseios das classes dominantes, que tentavam encontrar uma alternativa para a vida morna e sem graça de então.

Nas representações do passado, até os primeiros anos do século XX, a vida em Natal é comumente retratada como letárgica e modorrenta. Em uma de suas crônicas, Câmara Cascudo a ela se refere como “[...] velha e deliciosa, dorminhenta à beira-rio, tão recatada e doce como a água móbil e verde” (CASCUDO, 2011, p.103). Era o ano de 1929! Curiosamente, o Estado do Rio Grande do Norte estava sob a gestão inovadora do Governador Juvenal Lamartine (de 1928 até a Revolução de 1930), responsável por inúmeras mudanças significativas para a “ascensão” de Natal ao patamar de cidade “civilizada”, tão ansiado pela classe intelectual e pelas elites da época.

Naquele período, havia praticamente duas cidades, respeitando-se o sentido figurado do discurso, pode-se imaginar uma sobreposição: havia a cidade antiga e a nova cidade, a Natal



progressista, em que intelectuais do início do século desvelavam-se para inaugurar um novo modelo de cidade, implantando as novidades trazidas pela modernidade. Empenhavam-se para que a cidade se assemelhasse aos centros culturais adotados como referência na época – Europa, Rio de Janeiro e Recife, deixando cada vez mais distante o ar provinciano que a caracterizara até então (CASCUDO, 2011). Esse espírito de renovação e a busca pelo novo evidenciam o desejo premente por um rompimento com o passado. Nesse momento, é importante refletir acerca do que alerta Le Goff (1990, p.166). Há que se considerar que “o passado só é rejeitado quando a inovação é considerada inevitável e socialmente desejável. E questiona: quando e como as palavras “novo” e “revolucionário” se tornaram sinônimas de “melhor” e “mais desejável”? (*op. cit.*, p.203).

Ao tratarmos dessa relação tumultuada com o passado e as referências que ele traz, deve-se, inicialmente, reconhecer que isto terá desdobramentos nas questões referentes ao reconhecimento e à valorização do patrimônio, da história, da memória e da não-memória de uma sociedade. Retomamos então, o nosso objetivo principal, que é compreender a relação memória/esquecimento que permeia a vida cotidiana do cidadão natalense, reconhecida como característica local.

Costa (2015, p.116), em suas reflexões, destaca que: [...]se o patrimônio serve como instrumento para rememoração de determinada cultura ou momento histórico, a sua ausência deliberada contribui também para a amnésia coletiva, num procedimento [...] de proscricção do que não se quer perpetuar. ”

Será este o caso de Natal? Estaria apoiada neste preceito a justificativa para a desvalorização de elementos significativos para a história local, a exemplo de escolas, monumentos, fatos históricos, residências, e até mesmo ruas e bairros? Para compreendermos o universo sobre o qual se baseia esta pesquisa, vamos nos deter aos exemplos relacionados à atividade turística e à aviação comercial que propiciou o desenvolvimento do turismo no Estado.

A aviação comercial

A década de 1920, abriga em Natal a construção de diversos aeródromos, para receber voos comerciais de empresas alemãs, francesas e italianas. A movimentação era significativa.



Aviões e hidroaviões começaram a fazer parte da vida da cidade do Natal desde o início do século XX. Uma amostra da frequência dos pousos na cidade pode ser conferida na Tabela 1, de acordo com apontamentos de Cascudo (2010, p.537).

Tabela 1: A aviação em Natal nos anos de 1920.

ANO	AERONAVE	COMANDANTE/TRIPULAÇÃO
1922	Sampaio Correia II	Euclides Pinto Martins
1924	Argos	Sarmento de Beires, Jorge de Castilhos, Manuel Antônio Gouveia.
1924	03 biplanos americanos	Herbert A. Dargue
1924	Jaú	Ribeiro Barros, Newton Braga, João Negrão, Vasco Cinquini
1924	Breguete da Latécoère	Paul Vachet, Deley e Fayard
1924	Nungesser-et-Coli	Costes, Le Brix
1926	Buenos Aires	Bernardo Duggan
1927	Santa Maria	Francesco Pinedo
1927	Laté-25	Pivot, Pichard e Gaffe
1928	Potiguar (Sindicato Condor)	Putz, Paschen
1928	Savoia-64	Arturo Ferrarin, Carlo del Prete

Fonte: CASCUDO, 2010. Organização: Andrea Vianna, 2017

Juvenal Lamartine de Faria, então governador do Rio Grande do Norte, contribuiu para trazer a aviação comercial para o Estado – fundou, em 1928, juntamente com Fernando Pedroza o Aeroclub do Rio Grande do Norte, com escola de pilotagem. Construiu, ainda, 25 campos de pouso no RN (Cascudo, 2010), (Oliveira, 2014).

Seu antecessor, José Augusto Bezerra de Medeiros (1924 – 1927), foi o responsável pelo início desse processo, preparando o Estado para receber a aviação regular, ao abrir o campo de pouso do município de Parnamirim, hoje integrante da Grande Natal.

Natal entra, assim, na rota mundial da aviação; a francesa Latécoère ligava a cidade à costa do Senegal e à França, com os serviços de aviação postal. Em seguida veio a Compagnie Générale Aéropostale e, logo estavam operando ao lado de empresas italianas, inglesas e



norte-americanas, alçando Natal ao patamar de “porta de entrada do continente sul-americano” (CASCUDO, 2011, p.45).

Em 1930, as empresas CGA (Compaigne Generale Aeropostale); a NYRBA S.A. do Brasil (New York-Rio-Buenos Aires)¹; Sindicato Condor Ltda; CAB – Companhia Aeronáutica Brasileira atuavam regularmente nos campos de pouso natalenses. (Oliveira, 2014).

Havia ainda: Hidrobase do Refoles no Alecrim, as oficinas de montagem na Praia Limpa (Rocas), e o atracadouro de hidroaviões no Passo da Pátria. E a infraestrutura do campo de pouso de Parnamirim, construída pela francesa Latecoére, (Air France) e pela italiana Ala Litoria (LATI), (Oliveira, 2014, p.81).

A diversidade de nacionalidades que atuavam em Natal foi suprimida no período da Segunda Guerra, quando as estruturas existentes foram desapropriadas pelo Governo Vargas para a instalação da base aérea americana e adaptadas para atender às demandas de defesa no período do conflito. Apenas os americanos, mais ninguém.

Este conjunto de dados nos leva a observar que a história da aviação em Natal caminha lado a lado com o crescimento da atividade hoteleira na cidade. É certo que não se pode falar em grande volume de hóspedes, nem que fossem todos turistas, enquadrados nas definições modernas da atividade. No entanto, é importante verificar a existência da atividade de deslocamento, a chegada de visitantes – fossem turistas ou não –, a necessidade de se criar locais aptos a recebê-los, no caso hotéis, pensões, etc. E, mais ainda, as mudanças proporcionadas por esta nova dinâmica urbana.

A cidade dos hotéis esquecidos

A cidade, cuja posição estratégica lhe valeu o título de “Cais da Europa”, acostumava-se aos avanços da modernidade. Estabelecia-se uma mudança de status: economia em ascensão, gestores jovens e empreendedores e as novas ideias trazidas pelos filhos das elites quando voltavam de seus estudos nas metrópoles brasileiras, ou mesmo, da Europa. A presença de visitantes propiciada pela facilidade de transporte, era fato comum no dia a dia do natalense.

¹ A NYRBA S.A. do Brasil foi incorporada pela PAN AM e se transformou na Panair do Brasil, funcionando entre 1930 e 1965, quando teve suas linhas suspensas pelo presidente Castelo Branco.



Registra-se a existência de vários hotéis classificados como de alto nível, situados no bairro da Ribeira, no período em que as ruas deste bairro representavam o que havia de melhor e mais elegante na sociedade local, e que também foram relegados ao esquecimento. Em 1871, período anterior à implantação da aviação comercial, na publicação de Manoel Ferreira Nobre – Breve notícia sobre a província do Rio Grande do Norte -, há referências a dois estabelecimentos classificados como hospedarias, do qual um se destaca

*Hotel Francês – No largo da Campina do Forte, no Bairro da Ribeira.
Ocupa um vasto edifício, tendo alguns quartos mobilhados (sic).
Pode acomodar famílias, vivendo independente dos mais hóspedes.
O serviço de mesa é variado.
É sua proprietária a viúva Bimont. (NOBRE, 1871, p.34)*

Em nota explicativa na segunda edição desta obra (1971, p. 34) Manoel Rodrigues de Melo refere-se ao Hotel Francês, como Hotel da Bimôa – uma corruptela do sobrenome da proprietária – e afirma que o estabelecimento era “o mais conhecido”.

A existência destes hotéis foi verificada a partir de publicações de anúncios em jornais do Estado, e de citações em artigos e livros.

Destacam-se os seguintes hotéis, jornais e datas de publicação: Hotel Londres (O Nortista, 1892), Hotel Viterbino (Diário de Natal, 1895), Hotel Brazil (Diário de Natal, 1896), Hotel do Commercio (Diário de Natal, 1897), Hotel Tyrol (A República, 1916). Foram encontradas também referências aos hotéis Internacional, dos Leões e Avenida, “todos na Ribeira como sendo os melhores e mais luxuosos da cidade” (Lyra, 2009), (Nascimento, 2015). Estes três últimos foram de propriedade de Theodorico Bezerra, dono do futuro Grande Hotel de Natal. O cronista Carvalho, do jornal A República, em 1906, relata que a cidade havia crescido, sua população agora contava com 18 mil habitantes, e havia recebido “iluminação a acetileno (em parte)”, um “Boulevard Rio Branco (...) arruado simetricamente em grande extensão”, “ótimos hotéis, um magnífico jardim à Praça 15 de novembro”. (ARRAIS, 2008).

Lauro Pinto (1971, p. 26), por sua vez, nos coloca nos anos 1920, com sua referência aos hotéis de relevância

A Ribeira era ainda privilegiada pela localização das principais repartições, casas comerciais, estabelecimentos, etc. Assim, os melhores hotéis, como sejam: Internacional, Hotel dos Leões e Avenida eram localizados na Ribeira. Uma coisa curiosa: o Hotel Avenida e hoje Avenida Hotel, está no mesmo lugar há mais de meio século e dos três citados é o único em funcionamento, sendo, assim, o mais antigo. (PINTO, 1971, p. 26)



Na década de 1930, após o falecimento do Coronel Aureliano Medeiros, rico comerciante de algodão, os herdeiros decidiram alugar o palacete, cuja construção data de 1907. Surgia aí a Pensão Familiar. O prédio, hoje administrado pelo SESI – Serviço social da Indústria, de nome Solar Bela Vista (Figuras 1 e 2), foi construído com o luxo dos materiais importados da Europa - metais, vidros, acabamentos, além do mobiliário, lustres e porcelanas. No ano de 1948, novo locatário, o palacete vira o Hotel Bela Vista, reduto de grandes nomes da economia e da política local e de visitantes ilustres.

O texto de apresentação do Solar Bela Vista, na página do SESI, traz as seguintes informações:

Com a morte do Coronel Aureliano, em 1933, o casarão foi alugado para o Tribunal de Justiça e, mais tarde, para D. Maria Cabral, que o transformou em pensão familiar. Em 1948, Sinval Duarte Pereira, o novo locatário, deu-lhe o nome com que ficaria conhecido até os dias de hoje, ao inaugurar o Hotel Bela Vista. Com o fechamento do hotel, o palacete ficou muito tempo abandonado e a construção se deteriorou bastante, chegando a funcionar como cortiço, onde se abrigaram dezenas de pessoas. (grifo nosso). (SESI, 2017).

Mais um hotel, este de porte luxuoso, cuja importância para a cidade não tem seu devido registro. Há raras citações a ele e muitas com disparidade de datas ou ausência das mesmas.

Figuras 1 e 2: Solar Bela Vista



Fontes: <http://www.flogao.com.br/mrvictxinho/102101382>
<http://nossalinhadotempo.blogspot.com.br/2012/12/natal-rio-grande-do-norte-o-mar-em.html>

A intensa movimentação vivenciada na cidade, decorrente da aviação comercial, da chegada dos vapores ao cais do porto, apresenta a necessidade da construção de um hotel mais



moderno, solicitação da alta sociedade local, encampada pelo poder público, resultando na construção do Grande Hotel em 1939 (Figura 3), centro das atividades sociais e políticas mais importantes no período da Segunda Guerra.

Figura 3: Grande Hotel de Natal - 1950



Fonte: Acervo do HCURB - UFRN

Tão logo acaba o conflito, a história se repete: em 1946 surge a reivindicação de empresas aéreas internacionais para a construção de um hotel mais moderno, que atendesse às demandas do mercado. O governo foi interpelado pelas companhias British South American Airways e KLM Royal Dutch Airlines que apresentavam propostas de voos entre Europa, África, América do Sul e Caribe. O projeto se concretizou em 1965, no governo Aluísio Alves, tendo como cenário político a ditadura militar, sendo o primeiro equipamento hoteleiro internacional local, voltado para o mar, um marco para o turismo, além de gerador de mudanças significativas no uso e expansão da cidade.

Construção de estilo modernista o HIRM (Figuras 4 e 5) é responsável pela projeção de Natal no cenário turístico internacional, contexto estimulado pelas políticas de desenvolvimento implementadas no período. Além disso, impulsionou o fluxo de pessoas e o comércio na orla, e gerou melhorias na infraestrutura urbana, valorização do solo, além de um incremento à economia do Estado (Veloso e Bentes Sobrinha, 2002).

Figuras 4 e 5: Hotel Internacional dos Reis Magos



Fonte: <http://www.lugaresesquecidos.com.br/2014/02/hotel-internacional-dos-reis-magos.html>

No entanto, o espírito de renovação característico da cidade, faz Natal voltar seus olhos para o turismo a ser desenvolvido na Via costeira, onde seria implantado o parque hoteleiro de alto padrão. A partir dos anos de 1980, Natal abandona não só o antigo hotel, mas toda uma área da cidade que foi seu maior atrativo e reconhecido cartão-postal - a faixa costeira onde se localiza o HIRM, que abriga três praias urbanas referência na história do turismo local: Praia dos Artistas, Praia do Meio e Praia do Forte. E assim se estrutura a história do turismo de Natal: destacando o parque hoteleiro da Via Costeira e as mudanças provocadas por sua implantação.

Desta forma, o tempo e o desinteresse se encarregam de apagar momentos relevantes da história dessa cidade; no resgate da história da aviação em Natal o que sobra em promessas falta em ações efetivas. Dos hotéis citados neste artigo pouco se sabe. Apenas o Grande Hotel se mantém de pé, com outro uso e diversas alterações em sua construção. O HIRM, ainda resiste, apesar de sem uso, e sob ameaça constante de demolição. Não há registros detalhados dos outros hotéis citados neste artigo.

Natal continua na ilusão de que a história do turismo local não existe antes da Via Costeira. O máximo que se conhece do passado nesta área vai até a construção do Grande Hotel, por causa da massificação dos elementos relacionados à Segunda Guerra. O abandono do HIRM é um retrato desse aprisionamento a um único período da história recente, resultando numa perda irreparável de tantos outros elementos importantes para a compreensão da formação da cidade e de sua cultura. É a história que se perde em meio a interesses diversos.

Considerações Finais



A perda de elementos basilares da história de uma sociedade reflete não só a falta de conhecimento da população quanto a esses valores, mas, o que é pior, sinaliza para o esquecimento intencional, promovido por quem deseja mudanças contínuas que gerem aumento de patrimônios particulares. Em Natal percebe-se a ocorrência de muitas histórias, espaços de convivência e lazer, dias de progresso e modernização que sucumbiram ao abandono, negligência e negação. Algumas questões não ficam claras: Como se explica que momentos importantes se percam no tempo e no espaço? O que faz de Natal uma cidade em completo distanciamento de seu passado, sem apego, sem envolvimento com suas memórias? Voltemos à questão da dialética da construção destrutiva para compreender o que permeia a relação do natalense com seu espaço, sua identidade. É importante observar a discussão acerca de valorização e esquecimento, lembrando que esta vem acompanhada de elementos contraditórios que ordenam os territórios, como preservação e mercantilização, valorização e precarização, uso e troca, tal como sugere Costa (*op. cit.*)

Diante de tantos patrimônios perdidos e lembranças mal registradas, esta pesquisa, que não se encerra com este artigo, busca refletir sobre o desdém da população por sua história, que neste caso valoriza monumentos, memórias e referências quando se trata dos atrativos turísticos europeus. Natal, ao adotar e insistir nesta postura, assume irremediavelmente o seu papel na história como “cidade do esquecimento”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAIS, R. P. A.; ANDRADE, A. K. G.; MARINHO, M. M. F. **O corpo e a alma da cidade**: Natal entre 1900 e 1930. Natal-RN: EDUFRN, 2008. 206 p

CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. 4. Ed. Natal, RN: EDUFRN, 2010.

_____. **Crônicas de origem**: a cidade de Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20; organização e estudo introdutório Raimundo Arrais – 2. Ed. Natal/RN: EDUFRN, 2011

COSTA, Everaldo Batista. *Cidades da patrimonialização global: simultaneidade totalidade urbana – totalidade-mundo*. São Paulo: Humanistas, FAPESP, 2015.

DIÁRIO DE NATAL. 07 de setembro de 1895, p.1. Disponível em: <http://www.bczm.ufrn.br/jornais/DI%20C3%81RIO%20DO%20NATAL/1895/000002CD.001%20-%20DI%20C3%81RIO%20DO%20NATAL%2007set.1895,p.1.png>. Acessado em 18 fev 2017.



DIÁRIO DE NATAL. 1 de janeiro de 1896, n.378, p.1. Disponível em: <http://www.bczm.ufrn.br/jornais/DI%C3%81RIO%20DO%20NATAL/1896/00002B8F.001%20-%20DIARIO%20DO%20NATAL%20ano,%20n.378,%2001jan.1896,p.1.png>. Acessado em: 20 dez 2016.

DIÁRIO DE NATAL, 24 de março de 1897, n.738, p.4. Disponível em: <http://www.bczm.ufrn.br/jornais/DI%C3%81RIO%20DO%20NATAL/1897/000020E5.004%20-%20DI%C3%81RIO%20DO%20NATAL%20ano6,%20n.738,%2024mar.1897,p.4.png>. Acessado em: 19 jan 2017.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução: Bernardo Leitão et al. 7 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LYRA, Anderson T. *A praça Augusto Severo da Ribeira*. Disponível em: <http://www.historiaegenealogia.com/2009/08/praca-augusto-severo-da-ribeira.html>. Acessado em: 15 jan 2017.

MEDEIROS, V.A.S; TRIGUEIRO, E.B.F; BARROS, A.P.B.G. Mapas que revelam um olhar: expansão urbana de Natal sob a ótica de fatores estratégicos. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/267862612_Mapas_que_revelam_um_olhar_a_expansao_urbana_de_Natal_sob_a_otica_de_fatores_estrategicos. Acessado em: 20 jan 2017.

NASCIMENTO, G.G. *Ribeira: um estudo geohistórico do bairro da zona leste de Natal-RN*. GEOCONEXÕES, Ano 1, Vol. 2. Disponível em: www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/geoconexoes/article/view/3690. Acessado em: 10 fev 2017.

NOBRE, Manoel Ferreira. *Breve notícia sobre a província do Rio Grande do Norte*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1971.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. (2014). *Natal em guerra: as transformações da cidade na segunda guerra mundial*. Natal, RN: EDUFRN.

O NORTISTA, 02 de dezembro de 1892, p.4. Disponível em: <http://www.bczm.ufrn.br/jornais/O%20NORTISTA/1892/00000349.004%20-%20O%20NORTISTA%2002dez.1892,p.4.png>. Acessado em: 15 jan 2017.

PINTO, Lauro. *Natal que eu vi*. Natal/RN: Sebo Vermelho (edição fac-similar), 2003.

VELOSO, Maísa; BENTES SOBRINHA, Dulce. *Do Grande Hotel aos palaces e resorts: os empreendimentos hoteleiros na transformação da estrutura e da paisagem urbana de Natal (1940-2000)*. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 7, 2002, Salvador. Cadernos de Resumos do VII CHU, 2002, v.1.